

Miguel Costa [maarqa]

Dos *maus ares* — geografias de respiração, transplantação e poder, 2022¹

Estrutura metálica; impressão em papel vegetal (folhas de projeto)



© Miguel Costa

Na primeira edição dos *British Empire Games* (1930), um exercício de cidadania e união imperial através do desporto, introduziu-se pela primeira vez um pódio no meio do campo de jogos como forma de destacar e celebrar os três atletas finalistas de cada prova.

No projecto “*Dos maus ares*”, este objecto de classificação e distinção foi reinterpretado e redesenhado de modo a expor e dar visibilidade a outros jogos, articulações e estratégias imperiais de poder no contexto global do combate à malária:

¹ Projecto desenvolvido a partir do texto: Miguel Costa, “A natureza que circulou numa caixa: narrativas alternativas para um jardim público em Estado de Emergência,” in *Valise en Carton: Exposição Viajante*, ed. Inês Moreira (Porto: Parábola Crítica, 2021), 14-21.



1. Do leque das plantas úteis, a *Cinchona* foi uma das espécies que adquiriu uma relevância especial no âmbito do *Projecto Colonial Europeu* pelas suas propriedades no combate à malária através de um dos alcaloides presentes — a quinina. O termo deriva literalmente da expressão italiana *mala aria* (mau ar), posteriormente substituída por miasma que, antes dos conhecimentos médicos sobre bactérias, deu nome à teoria infecciológica denominada de miasmática. Assim, a malária seria uma forma de infecção contraída através da inalação de maus ares. Presente em todo o mundo desde a antiguidade, a malária acabou por ser principalmente associada como doença tropical devido à expansão e manutenção dos territórios coloniais.

2. Foi exactamente no exercício da contenção da mortalidade para a manutenção do controlo e exploração dos recursos desses territórios, que as diferentes potências coloniais europeias iniciaram as tentativas de transplantação e plantação da *Cinchona* nas respectivas colónias. Autóctones nas regiões montanhosas da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, a sua identificação e o seu mapeamento foram determinantes no decorrer de grandes missões e expedições exploratórias que estrategicamente tentavam extrair e deslocar sementes e plantas vivas para a rede de jardins botânicos das diferentes potências coloniais. Foram expedições como as de Clements Robert Markham ou de Richard Spruce e a respectivas tentativas de transplantação para a Índia e Ceilão (Sri Lanka), que permitiram ao império britânico tomar a dianteira da produção global de quinina. Em Portugal, foi a partir do Jardim Botânico de Coimbra que se operaram as principais transferências e tentativas de transplantação para as colónias de Cabo Verde e São Tomé.

3. A sistematização de instruções e procedimentos de transporte e acondicionamento revelaram-se vitais para a redução das taxas de insucesso na circulação global de plantas úteis e economicamente rentáveis. Mas foi o sistema Ward (*Wardian case*) que maior impacto teve no sucesso da circulação global de plantas vivas. Descoberto de forma imprevista em 1829 por Nathaniel Bagshaw Ward, foi testado em diversas viagens e amplamente promovido por Ward e pela sua rede de amigos, correspondentes e membros de comunidades científicas antes da sua publicação oficial — “*On the growth of plants in closely glazed cases*” (1842). A sua capacidade de manter as plantas vivas e protegidas em ambiente fechado durante longos períodos de tempo irá ampliar a experimentação e transferência de plantas economicamente rentáveis como a *Cinchona*, entre os centros imperiais e as suas extensões territoriais. Contudo, também a procura das melhores condições topográficas e climáticas nos territórios coloniais, assim como a quantidade de alcaloides existentes entre diferentes espécies de *Cinchona*, traçaram os sucessos e os insucessos destas tentativas de transplantação. Entre a selecção de espécies mais eficazes na produção de quinina e estratégias de monopolização da



sua produção, foi Java, nas Índias Orientais Holandesas, que rapidamente passou a concentrar mais de 90% da produção global de quinina.

No mapa,² a sul do Mar de Java, um conjunto de territórios coloniais (continentais e insulares) de diferentes potências europeias — centros de experimentação e plantação de *Cinchona* — foram manipulados nas suas escalas e colocados a flutuar lado a lado com Java.

Miguel Costa. Artista/arquitecto e professor auxiliar convidado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e na Escola Superior Artística do Porto. Doutorado em Arquitectura Paisagista e Ecologia Urbana (2018, ISA-UL) e Mestre em Arte e Design para o Espaço Público (2011, FBAUP). Investigador integrado, i2ADS Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. Trabalha individualmente ou em colaboração sob o nome de *micro atelier de arquitectura e arte* [maarqa] e tem vindo a desenvolver um trabalho de investigação artística sobre a relação entre a botânica colonial e as paisagens dos lugares quotidianos — espaços urbanos abandonados, desvalorizados ou não utilizados. Tem dividido a sua actividade profissional entre pequenas intervenções e processos de mapeamento sobre a paisagem urbana; investigação artística; e ensino.

² Miguel Costa, experimentações cartográficas: *economias flutuantes de quinina* (2022)

